

**Merci ma mère / Obrigado
minha mãe - um pedaço
africano no Brás**

**Merci ma mère / Obrigado
minha mãe - an African place
in the Brás neighborhood**

**Merci ma mère / Obrigado
minha mãe - un espacio
africano en el barrio de Brás**

Otávio de Oliveira Melo¹

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Duarte Lanna (FAU-USP)

Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida desde agosto de 2015
com financiamento PIBIC-CNPq

O presente artigo parte do entendimento das migrações internacionais como um fenômeno da modernidade que se desdobra na formação e constituição das cidades. A cidade de São Paulo é compreendida como produto das presenças estrangeiras, pois elas fazem parte de processos econômicos, sociais e culturais em curso no espaço urbano. O artigo então apresenta um estudo sobre a população de imigrantes africanos na cidade, que constituem espaços de sociabilidade. Um desses espaços é o *Merci ma mère / Obrigado minha mãe* - um restaurante gerido por um imigrante do Mali, localizado no bairro do Brás. O restaurante é lugar de diversos usos e acontecimentos, espaço central para estabilização dos imigrantes africanos que chegam na cidade.

Palavras-chave

imigrantes; africanos; antropologia urbana

Understanding international migrations as a phenomenon of modernity that unfolds in the formation and constitution of the cities; and the city of São Paulo as a product of foreign that are part of economic, social and cultural processes of the urban space; this paper presents a study on the population of African immigrants in the city, which composes spaces of sociability. One of these spaces is the *Merci ma mère / Obrigado minha mãe* - a restaurant run by an immigrant from Mali, located in the neighborhood of Brás. The restaurant is a place of many uses and events and a fundamental space for stabilization of African immigrants arriving in the city.

Keywords

immigrants; Africans; urban anthropology

Este artículo parte de la comprensión de las migraciones internacionales como un fenómeno de la modernidad que se expande en la formación y constitución de las ciudades. La ciudad de Sao Paulo, se entiende como un producto de presencias extranjeras, ya que é parte de los procesos económicos, sociales y culturales que tienen lugar en el espacio urbano. En el artículo se presenta un estudio sobre la población de inmigrantes africanos en la ciudad, que construyen espacios de sociabilidad. Uno de estos espacios es el *Merci ma mère / Obrigado minha mãe* - un restaurante dirigido por un inmigrante de Mali, situado en el barrio de Brás. El restaurante es un lugar de muchos usos y eventos, espacio central para la estabilización de los inmigrantes africanos que llegan a la ciudad.

Palabras-clave

inmigrante; africanos; antropología urbana

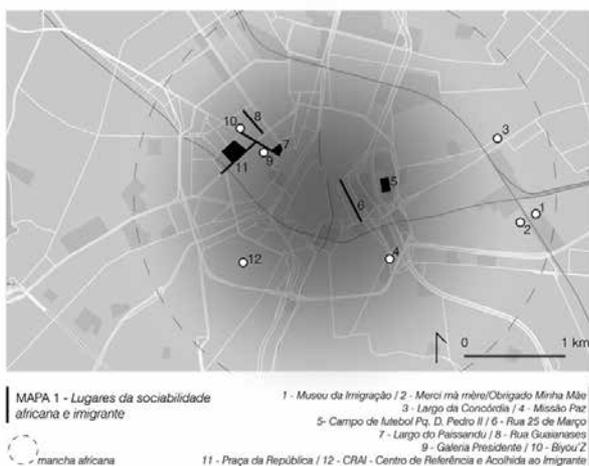


Figura 1. Mapa dos lugares de sociabilidade africana e imigrante na região central de São Paulo.

Fonte: desenho do autor, 2016.

1. Introdução

Desde a colonização portuguesa, a história do Brasil é analisada - entre outras formas - como um processo construído por camadas e tempos de migrações variadas. (...) uma cronologia de nosso processo histórico, desde o século XVI ao final do século XX, pode ser escrita a partir dos deslocamentos populacionais que, assim, se confundem com a nossa história. (PAIVA, 2007, p.12)

Esta mesma noção do processo histórico, colocada sob perspectiva para entender a cidade de São Paulo enquanto metrópole industrial, nos ajuda a perceber o quão importante foram as presenças estrangeiras para a cidade que, desde finais do século XIX, recebe contínuos fluxos de imigrantes estrangeiros que notadamente - utilizando a noção de Paiva - adicionaram camadas ao processo de desenvolvimento da cidade, operando transformações demográficas, econômicas, espaciais, culturais e sociais no espaço urbano.

A partir destas noções, reconheço o imigrante como um ator social importante na conformação do espaço urbano e a própria cidade atual como produto das várias temporalidades e influências de grupos estrangeiros, a ser compreendida a partir da complexidade de interconexões, trânsitos e apropriações imigrantes.

Ao pisar no território da cidade, o imigrante, como assim passa a ser chamado pela sociedade que o recebe (SAYAD, 1998), busca se fixar na cidade através das relações de trabalho. A partir do momento em que são absorvidos como força de trabalho, os imigrantes imprimem suas marcas na cidade, ao construírem suas redes de sociabilidade que geram novos percursos, e alteram seus espaços de trânsito e permanência.

O presente artigo partirá do reconhecimento

da presença do imigrante africano na região central da cidade, identificando uma “mancha africana” e reconhecendo esses lugares de pertencimento, relações e trânsitos na cidade. O recente e importante fluxo de imigrantes africanos, e entre eles refugiados, é interpretado como fator constituinte de redes e práticas comuns.

O imigrante, peça chave no entendimento da cidade é o grande tema deste artigo. O recorte sobre a presença estrangeira na cidade incidirá sobre os imigrantes africanos, população que faz parte de um fluxo relativamente recente de migração para a cidade. O objeto do relato etnográfico é o restaurante *Merci ma mère / Obrigado minha mãe*, no Brás, gerido por Adama Konate, um imigrante / refugiado do Mali².

Por tornar-se um espaço de referência como lugar da sociabilidade, auxílio mútuo e contato com a África e por abrigar diversos problemas fundamentais para entender a questão do imigrante na metrópole, escolhi este objeto. Desta maneira, acredita-se ser possível identificar um pedaço, o pedaço africano no Brás.

2. A questão migratória e a cidade: São Paulo como produto de estrangeiros

As migrações não são um fenômeno recente. O que se classifica como “migrações internacionais” só pôde ser observado sobretudo a partir de finais do século XIX, quando se consolidam os Estados-Nação. É neste período, de surgimento do mundo moderno, que o sistema capitalista é adotado amplamente, baseando-se no trabalho como meio de geração de capital. A aglutinação da sociedade em torno de um mesmo corpo social-político, o Estado Nacional, garantiria seu pleno desenvolvimento

econômico e social e conseqüentemente, o fortalecimento do próprio Estado enquanto ente político.

Nesta organização política, a fronteira nacional é um dado fundamental para constituição e manutenção do funcionamento dos Estados: além de preservar os limites do Estado enquanto entidade política autônoma, a fronteira é primordial para a definição de Estado, uma vez que ele se colocava em relação aos outros [Estados] para a afirmação de sua soberania internacional. As fronteiras, então, passaram a operar como verdadeiros “fatos sociológicos”, usando a definição de Simmel (1983) nos indicando que elas são sua potência nas construções políticas e sociais, que especializadas, tem o poder de reiterar controles sociais e culturais, para além do dado controle territorial. Sob a regulação dos Estados, as fronteiras definiram o caráter dos deslocamentos populacionais, que sempre existiram, mas que, a partir de então, foram classificados como “migrações internacionais”.

O fenômeno das migrações internacionais adquire importância no bojo das relações internacionais e das políticas internas aos Estados, pois estes deslocamentos populacionais, ao mesmo tempo que reiteram as fronteiras nacionais ao “forçarem” políticas públicas na sua concretização, têm na sua essência, o questionamento da existência das fronteiras (culturais, sociais e físicas). É a presença de imigrantes nos Estados Nacionais que tenciona a fronteira, que a coloca em questão com os conceitos estabelecidos de nacionalidade, e que conseqüentemente, diferenciam os nacionais dos estrangeiros.

As migrações internacionais, um fenômeno inerente à modernidade, vêm transformando e reconfigurando as sociedades que recebem as populações estrangeiras. É no mundo urbano que essas mudanças podem ser percebidas de forma ampla, cristalizada e contínua, pois é nele que se concentram os conflitos e tensões relacionadas à presença do imigrante. As cidades, locais de concentração do consumo, da produção de bens e das trocas, são os lugares em que a presença de imigrantes se dá de forma sistemática, pois elas ao existirem para os migrantes como “lugar das oportunidades”, existem também como lugar da espacialização dos conflitos inerentes à questão das fronteiras, das trocas culturais e da contínua reiteiração das diferenças entre nacionais e estrangeiros.

A cidade de São Paulo, então, ocupa um lugar privilegiado de análise por se constituir enquanto metrópole, também a partir de finais do século XIX, com a chegada contínua de estrangeiros. A

cidade-metrópole foi inserida nos fluxos globais de comércio, a partir do desenvolvimento da cafeeicultura e de processos de industrialização, que tiveram a cidade de São Paulo como ponto de irradiação na estrutura econômica do país e que acabaram por consolidar a cidade como lugar de dinamismo econômico e oportunidades de trabalho diversas.

A presença maciça de imigrantes na cidade, que desde finais do século XIX, chegam em um movimento contínuo e de certa forma permanente, consolidaram no imaginário da sociedade, a cidade de São Paulo como metrópole “cosmopolita”. É importante ressaltar que esses imigrantes, tanto os internacionais quanto os nacionais, não encontraram uma sociedade (e cidade) amplamente acolhedora. Vale lembrar que os milhares que aqui chegaram, em fluxo contínuo, buscaram estratégias diversas de inserção, construindo para si um lugar de acolhimento, reunindo-se em comunidades de hábitos, linguagens e projetos em comum.

É nesta dualidade permanente de acolhimento e rejeição, incorporação e exclusão, dos estrangeiros, sujeitos que carregam em si esta indefinição, que a cidade é construída desde finais do século XIX até a contemporaneidade (FAUSTO, 1997; HALL, 2004). A cidade é então, analisada a partir dos desdobramentos deste longo período de constituição da ideia de “metrópole cosmopolita”, encarando as presenças estrangeiras como elemento fundamental, constitutivo da cidade, que opera transformações espaciais, demográficas, econômicas, sociais e culturais que a consolidaram como “cidade de imigrantes”.

Diante deste quadro, a questão da imigração representa uma porta aberta à compreensão da cidade atual, que ainda reclama o título de “cidade acolhedora” e “cosmopolita”, mesmo com as notáveis (e históricas) demonstrações dos limites e tensões relacionadas a esta autodenominação. É através desta perspectiva que procuro discorrer sobre este processo contemporâneo de construção da cidade, identificando algumas permanências que vem desde finais do século XIX, mas sobretudo, investigando formas correntes de produção da cidade que ocorrem através dos territórios de contato e de relações entre “os daqui” e “os de fora”.

3. Imigração e trabalho, uma forma de compreender a presença estrangeira

A ideia de São Paulo como metrópole diversa,

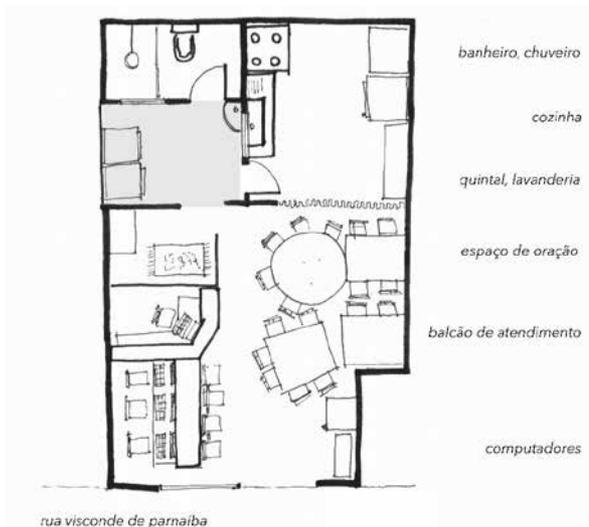


Figura 2. Croqui da planta do restaurante, Mercy ma mère / Obrigado minha mãe desenhado durante uma das visitas à campo. Fonte: desenho do autor, 2016.

multicultural, foi continuamente construída pela chegada de imigrantes e os desdobramentos relacionados à inserção destes na sociedade paulistana. Consolidou-se também a imagem de “cidade do trabalho”, que opera “positivamente” para os cidadãos dentro de uma lógica, por vezes perversa, de distinção entre outras cidades e regiões brasileiras, mas que também fixa a cidade como destino para àqueles que buscam oportunidades de trabalho.

Entender a questão da imigração a partir do universo do trabalho, em São Paulo, é uma escolha que nos abre outros campos de questões e situações diversas, pois o trabalho é um importante campo de intermediação entre nacionais e estrangeiros, pois ele produz, de fato, a cidade. O sociólogo francês Abdelmalek Sayad (1998), ao estudar a presença de imigrantes argelinos na França, durante os anos 1970 e 1980 - período de grande expansão econômica e oportunidades de trabalho -, nos fornece uma visão importante acerca de profunda ligação entre o imigrante e o trabalho. Sayad parte da ideia de que é no universo do trabalho que o imigrante passa a existir para a sociedade, que “o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que o empurra para o não-ser.” (Sayad, 1998)

O universo do trabalho, a partir do momento em que é tratado como “ponto de partida” da questão migratória, quando “nasce” o imigrante, contribui com um dos aspectos principais (e mais problemáticos) na relação de estrangeiros e nativos na medida em que ele posiciona o imigrante no campo do desconhecido, do “diferente”. Ou seja, o estrangeiro que aqui chega só passa a “existir” a partir do momento em que encontra alguma ocupação no universo do trabalho livre, desta maneira, a sociedade receptora

se ausenta de (re)conhecer e compreender a história pregressa das populações estrangeiras.

Esta existência profundamente vinculada ao trabalho e, portanto, à situação econômica da sociedade receptora também imprime no imigrante um permanente estado de provisoriedade, ainda que seja notável em São Paulo, a permanência deles mesmo em estado de crise econômica. Vale notar que esta dualidade de estados, do “ser permanente” e do “ser provisório” é sempre revista, negociada: em cenários de expansão da economia, a “balança” tende a oscilar para a permanência, e nas crises há o “regresso” à condição de provisoriedade.

Enquanto a expansão econômica, grande consumidora de imigração, precisava de uma mão-de-obra imigrante permanente e sempre mais numerosa, tudo concorria para assentar e fazer com que todos dividissem a ilusão coletiva que se encontra na base da imigração. [...] O resultado disso tudo foi que todos acabaram por acreditar que os imigrantes tinham seu lugar durável, um lugar à margem e na parte inferior da hierarquia social, é verdade, mas um lugar duradouro. (SAYAD, 1998, p.46)

Para os imigrantes recentes, há o sentimento de não estarem sempre seguros de sua permanência - pois ela não é garantida -, exigindo um contínuo esforço de re-garantia, mesmo para aqueles que tem como “certa” a permanência na sociedade que os recebeu, com a continuidade da condição de imigrantes. O mundo do trabalho é, portanto, este lugar em que a própria condição de imigrante é constantemente revista e reiterada, por eles e pela sociedade que os recebe, surgindo deste campo de “negociações” os elementos que permeiam o contato entre estrangeiros e nativos, refletindo na complexidade de tempos e experiências percebidas na cidade de São Paulo.



Figura 3. Restaurante *Merci ma mère* / Obrigado minha mãe em dia movimentado. Fonte: foto do autor, 2015.

Portanto, o universo do trabalho nos aproxima de questões da imigração e da cidade de maneiras distintas: ele relega ao estrangeiro sua condição de “diferente”, determina “quando” o estrangeiro passa a existir, além de que, ele é um dos pilares fixos que constroem a ideia de São Paulo como metrópole dinâmica e multicultural. Porém, para o imigrante, ainda que todas essas dimensões estejam colocadas e operem, de fato, nas vivências dos estrangeiros na cidade, o trabalho é o para o imigrante o fator de atração principal, o que dá início ao processo de deslocamento de seu país de origem e que intermedia as relações entre os estrangeiros e a cidade.

4. A cidade e o imigrante como lugar de análise da antropologia urbana

São Paulo como uma cidade de imigração é lugar de permanência da população estrangeira, do trabalho, do lazer, é onde criam-se os filhos nascidos, onde desenvolvem-se laços com a comunidade de imigrantes, com a sociedade e com o próprio território urbano. Estas “apropriações”, sendo profundamente vinculadas ao território urbano, nos colocam a própria cidade como problema, na medida em que ela possibilita, justamente relações diversas dos imigrantes com o espaço.

A leitura da cidade pelos seus espaços urbanos é importante para a pesquisa, porque é neles que os imigrantes desenvolvem suas relações. Logo, como determinados grupos se apropriam e constituem para si, relações distintas com lugares distintos, podemos afirmar que essas diferenciações espaciais também são elementos que compõem uma dada identidade étnica.

A persistência dos “lugares de estrangeiros”

em São Paulo nos indica que a ligação entre os imigrantes e seus lugares de trânsito e permanência é um fator que dá sentido e constitui diversos espaços da cidade, que é compreensível através da articulação de sua materialidade, dos processos de construção de alteridades e das redes de sociabilidade³. Os estrangeiros são os atores sociais de um espaço socialmente construído. A cidade, portanto, não é um mero pano de fundo para o desenvolvimento das práticas sociais, mas um todo que é inconcebível sem as presenças estrangeiras, sendo produto e lugar de produção de encontros e desencontros, de tensões, disputas e negociações constantes. Assim, avançamos na leitura da cidade no nível em que o espaço e os atores sociais interseccionam-se e produzem a cidade.

Para entender os “lugares de estrangeiros” e com eles se constroem e operam na metrópole, nos valem também do campo de questões propostos pela Antropologia Urbana, principalmente àquelas propostas por José Magnani⁴, com quem o presente estudo compartilha um modo de leitura da cidade que nos ajuda a compreender os diversos grupos, de imigrantes no caso da pesquisa, em sua relação com o espaço urbano e na constituição de novas identidades. Segundo Magnani,

Se o que está em pauta é o contexto urbano, é preciso levar em consideração dois fatores constituintes: a paisagem e os atores sociais. Não se trata, contudo, de um cenário já dado no qual os atores desenvolvem suas práticas. Na verdade, a paisagem urbana é o resultado dessas práticas e das intervenções ou modificações impostas pelos mais diferentes atores, em sua complexa rede de trocas. (MAGNANI, 2012, p.252)

Os lugares de imigrantes são compreendidos como espaços de sociabilidade que surgem a partir



Figura 4. Moradia coletiva, visitada em outubro de 2015. Fonte: foto do autor, 2015

do estabelecimento de uma rede trocas, encontros e apropriações diversas das populações estrangeiras. Ao reconhecer estes espaços como constituintes da experiência urbana, nos afastamos de uma visão da cidade “macro”, àquela que compreende a cidade como resultado de forças econômicas, políticas, variáveis demográficas, interesses imobiliários, entre outros fatores.

Reconhecemos a influência destes “atores” e seu potencial para constituir a cidade e seus espaços, porém, reconhecemos também que as questões colocadas por eles tornam difícil a percepção das vivências que “escapam” diante de uma visão sistêmica, abrangente da cidade. A Antropologia Urbana apresenta um modelo que, reconhecendo a existência de várias centralidades da cidade (FRÚGOLI JR., 2000), busca compreender os múltiplos usos e apropriações que nelas e partir delas ocorrem. Magnani (2012) propõe um modelo etnográfico que relaciona uma visão de longe e de fora, abrangente, com uma visão de perto e dentro que nos permite identificar especificidades na relação entre os indivíduos e seus locais de uso na cidade⁵.

A especificidade do conhecimento proporcionado pelo modo de operar da etnografia, que, de acordo com a hipótese que está sendo trabalhada, permite-lhe captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números. (MAGNANI, 2012, p.261)

Este “olhar etnográfico” é o que nos permite avançar para além da identificação dos lugares de estrangeiros, abrindo caminhos para a investigação de como eles operam na cidade; constituindo redes de sociabilidade, auxílio mútuo, lugares de identificação e representação. O método

proposto por Magnani, nos permite agrupar estes lugares em torno de conceitos e categorias que nos auxiliam a entender os lugares de estrangeiros em torno de suas próprias constituições e relações com a cidade, e também enquanto parte de uma verdadeira rede, ou circuito, que os coloca como integrantes de uma metrópole, no caso, a “metrópole multicultural” com suas múltiplas vivências e lugares de estrangeiros.

A análise dos lugares de estrangeiros transita entre aproximações e distanciamentos. A leitura da cidade é organizada, a partir de então, através de níveis de análise que partem de uma visão menos aproximada, identificando os lugares estrangeiros em relação com o todo da cidade, para uma visão que reconhece cada um desses lugares a partir dos atores que deles fazem parte e os constitui enquanto unidade de análise, identificando e reconhecendo regularidades e padrões de comportamento. Vale ressaltar que, o olhar etnográfico supõe ainda, recortes bem delimitados para a análise etnográfica, e que eles fazem sentido tanto para os próprios atores, quanto para quem os analisa, não sendo arbitrários, mas sim, empiricamente definidos.

A partir da percepção das presenças estrangeiras africanas como atores sociais constituintes da cidade podemos mapear, a partir de seus *trajetos*, uma mancha africana na cidade. A partir do olhar de perto e de dentro sobre esta mancha, podemos encontrar além das especificidades dos diversos pedaços, regularidades e padrões que se constituem através do uso cotidiano da cidade pelas populações africanas. Estas categorias de análise, a mancha, o trajeto, o pedaço, ao estarem sempre correlacionadas, demandam as aproximações e distanciamentos, e é este movimento que nos permite apreender aspectos importantes sobre os imigrantes estudados.

Essas categorias são importantes para a análise aqui desenvolvida e a aproximação com os usos da cidade e as presenças estrangeiras que estamos propondo apresentar neste trabalho. Neste sentido, vale explicitar o significado dessas categorias e como elas articulam-se com a pesquisa.

O conceito de *mancha*, definido por Magnani refere-se a um aglomerado de estabelecimentos e lugares reconhecidos por seus frequentadores como similares do ponto de vista dos serviços que oferecem e da sociabilidade que propiciam, constituindo pontos de referência (MAGNANI, 2002). Uma *mancha* não é um lugar de fronteiras definidas, mas a sua existência pressupõe a existência de lugares particulares, de uso quase restrito, portanto, as fronteiras são implícitas aos seus frequentadores, ao mesmo tempo em que são bem demarcadas para os de fora. “Pois em uma determinada *mancha* sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não quais, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus frequentadores” (MAGNANI, 2002, s.p.). Assim, identifico na cidade diversos estabelecimentos e lugares de sociabilidade imigrante africana, são *os pedaços*, que conformam a *mancha* africana, assim nomeada no desenvolvimento da pesquisa.

Os lugares que compõe a *mancha* africana, os *pedaços*, são todos aqueles percebidos enquanto lugares de identificação, onde os frequentadores não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem, ao serem portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes (MAGNANI, 2012). Esses lugares, além do restaurante analisado, são compostos por lugares de lazer, trabalho, religiosidade, compras, que constituem suas próprias sociabilidades e que permitem conexões entre si, constituindo-se de fato como uma rede. Como lugar de sociabilidades diversas, esses *pedaços* africanos fazem parte das diversas vivências da cidade experienciadas pelos imigrantes. Como veremos mais adiante, os imigrantes africanos analisados aqui dão significados diferentes a esses espaços, mas de maneira geral, todos eles operam na relação dos imigrantes com a cidade, como formas de inserção na própria cidade. São, portanto, espaços de intermediação entre os estrangeiros e os nativos, pontos de contato e troca, lugar da redefinição negociada das identidades desses grupos étnicos e da própria sociedade.

5. Um mapa da sociabilidade: aproximação aos lugares de estrangeiros

Apesar da presença marcante na cidade, os imigrantes africanos não fazem parte de um movimento de imigração massificado, capaz de se constituir como “problema social” ou “questão humanitária”, como presenciemos nos atuais fluxos de imigração que cruzam o mar Mediterrâneo em direção à Europa, ou mesmo os bolivianos e / ou haitianos em São Paulo. Antes de nos atermos à imigração africana, é preciso esclarecer que a presença de imigrantes na cidade é pequena se comparada à sua população total, e menor ainda se comparada à da região metropolitana. A população imigrante (legalizada) está na casa de 360mil, porém, o número é certamente maior considerando que muitos ainda estão em situação de irregularidade. Estima-se que além dos 360mil, outros 185mil imigrantes estão atualmente irregulares.⁶ Porém, os imigrantes africanos representam uma pequena parcela: estima-se que são apenas 4mil vivendo atualmente na cidade.⁷

Estes números não incluem a população refugiada / requerente de asilo, que neste trabalho, opto por incluir na mesma categoria de “imigrantes”⁸. Porém, como será apresentado mais adiante em um dos locais analisados, a presença africana, é marcada pela população refugiada, em condições de fragilidade maiores que os migrantes voluntários, ou econômicos. Dados da ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) sobre os solicitantes de refúgio mostram que o país recebe refugiados africanos que vem principalmente do Senegal, Nigéria, Gana, República Democrática do Congo. Depois dos Sírios e Colombianos, as nações africanas são as que mais solicitam refúgio no país.⁹

Os dados nos mostram que os imigrantes africanos provêm majoritariamente da África negra, dos países localizados na região do Sahel (a chamada África subsaariana) e da porção central do continente, na região Equatorial, dos países localizados ao longo do Rio Niger. Deixam essas localidades indivíduos negros, muitos deles muçulmanos, em sua maioria homens, que imigram sozinhos, sem suas mulheres e filhos. São esses indivíduos, portanto, que estão constituindo seus espaços de trânsito e permanência na cidade, reunidos majoritariamente no centro na cidade. Espaços que conformam uma *mancha* africana.

A partir das contínuas visitas à campo, buscando compreender a cidade a partir do olhar de perto e de dentro, foi produzido um “mapa das sociabilidades” africanas. Neste mapa podemos identificar diversos locais em que africanos entram em contato com seus pares, em suas determinadas redes de



Figura 5. Fachada do restaurante *Merci ma mère* / Obrigado minha mãe.
Fonte: foto do autor, 2015.

sociabilidade. Esses lugares são marcados por usos distintos, em diferentes horários, escalas e relações. A partir deste mapa, identifico então, a existência da mancha africana, que reúne dentro de si diversos “pedaços”, ou locais que são pontos-chaves dentro de uma grande rede de sociabilidades e reconhecimentos dos imigrantes africanos.

Começaremos a nos aproximar desta rede de sociabilidades percorrendo pontos importantes que constituem este grande lugar dos imigrantes na cidade. Na região da Sta. Efigênia, nos arredores da Praça Júlio de Mesquita, existe um circuito bem demarcado de restaurantes étnicos geridos por imigrantes das mais diversas nacionalidades, cada um podendo fazer parte de seu circuito próprio de sociabilidade (o circuito dos bolivianos, peruanos, sírios na cidade). Entre eles estão alguns restaurantes africanos, que conferem à região um lugar de trânsitos e presenças imigrantes.

Na região da República, nos arredores da Praça, e da Avenida Ipiranga, existe o lugar de concentração dos vendedores ambulantes. A figura do imigrante africano que vende relógios, fones de ouvido e outros produtos é onipresente nas calçadas, nas saídas da estação do metrô e nas portas das lojas “oficiais”. Aproveitando a vocação turística da região (Praça da República, Edifício Copan) também estão presentes os que vendem artigos africanos, que originam da África ou não, mas emulam uma África palatável para os possíveis compradores turistas. São tecidos estampados, colares de búzios, pulseiras e miniaturas de animais da savana.

No Anhangabaú e entorno a presença imigrante é marcada e tem seu centro na Galeria Presidente, conhecida como Galeria do Reggae. O espaço, é similar à famosa Galeria do Rock, porém suas lojas são dedicadas à cultura *black*, um pedaço

negro que aglutina rapazes e moças em torno de algumas características de negritude com determinada estética, música, ritmo, frequência a shows e danceterias (MAGNANI, 2012). Os diversos boxes abrigam lojas de roupas, capoeira e muitos cabeleireiros especializados em dreads, tranças e penteados *black power*. A partir do terceiro andar as lojas tradicionais convivem com várias outras geridas por imigrantes, que além de restaurantes, e de lojas semelhantes às outras, possuem também *lan-houses* e cabines telefônicas. Estas são importantes como lugares de contato entre os que aqui estão e os que ficaram. No térreo da galeria, os imigrantes tomam a calçada e misturam-se a uma infinidade de outros vendedores / anunciantes que chamam diretamente os clientes na rua, oferecendo uma infinidade de serviços.

A região que vai do Mercado Municipal, Parque D. Pedro II e que se estende até o Glicério é o lugar onde a presença imigrante africana é mais notada e também região em que se encontra a população mais fragilizada. Na Rua 25 de Março em sua porção próxima ao Terminal Parque D. Pedro II, concentra-se os lugares de moradia de uma parte da população, e algumas habitações coletivas. Ainda na rua 25 de Março, próximo ao terminal, também se encontra o Restaurante Bom Prato, programa social do Governo do Estado de São Paulo que oferece um almoço completo R\$1,00. O restaurante atrai uma fila grande de moradores de rua, vendedores ambulantes e muitos imigrantes africanos. Apesar das evidentes diferenças, a convivência é pacífica, porém o local parece não ser um local de sociabilidade.

No Glicério, a mancha tem um ponto focal na Igreja Nossa Senhora da Paz, da Missão Scalabriniana Nossa Senhora da Paz, ou Missão Paz, que iniciou suas atividades em 1940. A Igreja foi criada

para a acolhida dos imigrantes italianos que chegaram massivamente na cidade no início do século XX, e permaneceu prestando auxílio às contínuas levadas de imigrantes e refugiados de diferentes nacionalidades que chegam na cidade. Localizada na Rua do Glicério, a Missão Paz faz um importante trabalho com a população migrante e refugiada, nos âmbitos da assistência, cultura, política, religiosa, pesquisa e estudo, além da mediação das relações de trabalho e regularização de documentação. Atualmente, como o fluxo migratório principal a ser atendido pela Missão, é o dos africanos, eles são os elementos mais presentes na paisagem das redondezas.

Em um edifício anexo à Igreja funciona a Casa do Migrante, abrigo com 110 vagas para pernoitar. O local deve ser esvaziado (para que os imigrantes procurem emprego, ou saiam para trabalhar e realizar suas atividades, nas palavras da direção) pela manhã e o retorno só é permitido no final da tarde. Tal regra cria um fluxo diário constante, de imigrantes que saem para a cidade e retornam ao abrigo para dormir. Partindo deste ponto, os trajetos espalham-se pela mancha, com os diversos desdobramentos do cotidiano. Os que retornam mais cedo, usam o pátio / estacionamento da Igreja como praça: conversam em grupos, falando sempre em seus idiomas nativos, incompreensíveis, ou descansam sozinhos. Muitos outros frequentam o local para obter ajuda com documentação, procurar emprego e participar de reuniões, o que também fortalece a noção de um lugar pulsante, onde imigrantes de vários países e culturas distintas relacionam-se.

A porção leste da mancha é a região do Brás / Mooca, local do restaurante *Merci ma mère / Obrigado minha mãe*. A região é muito movimentada na porção em que se concentram as lojas do Brás, concentradas no Largo da Concórdia, que também é local de muitos vendedores ambulantes imigrantes. Os africanos misturam-se aos latinos (bolivianos, peruanos, paraguaios) e também aos brasileiros, fazendo do local um lugar de múltiplas vivências e redes.

6. *Merci ma mère / Obrigado Minha Mãe - pedaço africano no Brás*

O primeiro contato com o lugar se dá pela internet: Adama Konate, o proprietário, é usuário da rede social *Facebook*. É em sua página que ele divulga o restaurante, publicando fotos do local e do cardápio. Adama também tem o hábito de escrever e

divulgar poemas dos amigos em suas redes, de dar entrevistas e participar de diversas palestras, demonstrando que as redes sociais são utilizadas pelos imigrantes como um modo de “fazer-se ouvir”, para sua própria rede de contatos e para a sociedade que os recebem.¹⁰

O restaurante localiza-se no bairro do Brás. A região é ocupada por muitos galpões, que aos finais de semana permanecem fechados, tornando as ruas do entorno vazias e sem circulação. Configura-se um pórtico no percurso de 300m entre a estação e o restaurante: trata-se de espaços, marcos ou vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares da cidade que não fazem parte de nenhuma mancha, sendo lugares de transição, da indefinição de regras e classificações, são lugares insegurança e perigo (MAGNANI, 2012). São os “vazios urbanos”, estudados por Jane Jacobs em “Morte e vida das grandes cidades”, nos anos 60.

O *Merci ma mère / Obrigado minha mãe* é o térreo de um espaço comercial com 5m de frente, com portas de metal abertas pintadas de verde, amarelo e vermelho. Na porta é fixado um banner com o cardápio inteiramente bilíngue, em português-francês. Ao chegar no horário pós-almoço, por volta das 14 horas, a primeira impressão foi de que cheguei em um lugar privado. Cerca de vinte homens (não haviam mulheres no salão) estavam nas mesas, sentados em rodas, dividindo os espaços.

Adama chegou e pedi algo para comer, e Adama foi à cozinha e ordenou um prato de carne frita com banana, o que havia sobrado do almoço. Adama contou que é formado em contabilidade no Mali, natural de Bamako, capital do país. Desembarcou na cidade em 2012 como refugiado. Sabia pouco do Brasil, mas reconhecia que “o Brasil é um país irmão”. Adama tinha planos de continuar os estudos nos Estados Unidos, mas acabou chegando ao Brasil e decidiu ficar. Chegando no país, frequentava a Galeria Presidente, onde usava as *lan-houses* para se comunicar com o restante da família no Mali. Lá conheceu seus “irmãos”.

Decidiu abrir uma *lan-house*, pois percebia que o deslocamento para a Galeria Presidente era “complicado” para a maioria dos irmãos. Contou com um fiador, que já alugava para ele um quarto no Brás e que o reconhecia como uma “boa pessoa”. Com a *lan-house* montada, Adama se firmou definitivamente como referência para os que chegam.

As pessoas que ocupam o topo da hierarquia nos meios sociais e culturais locais e que impulsionam sua etnização, são as mesmas que, mais que quaisquer outras, provêm dos circui-

tos mais globalizados ou circulam neles. Elas mostram, por sua própria atuação, que hoje há uma relação direta entre globalização e etnicização do local. (AGIER, 2000, p.10)

Em um cômodo anexo, Adama organizou um sistema de depósito, no qual os irmãos podem guardar seus pertences para poderem circular pela cidade, nas suas atividades cotidianas com mais segurança. A lan-house está localizada em frente a um terreno com 50m de fundo aproximadamente, onde são localizadas várias habitações. São casas/cômodos para alugar, todos ocupados por imigrantes africanos. Em cima, funciona uma “casa de passagem”, em que os imigrantes podem pagar R\$2 para passar a noite, tudo organizado por Adama.

Rapidamente os “irmãos” começaram a pedir que Adama abrisse um restaurante. Ele que “nunca pensou em trabalhar com isso”, resolveu alugar mais um espaço e montar um restaurante. O *Merci ma mère* / Obrigado Minha Mãe abriu, reunindo no mesmo espaço uma lan-house, telefones, restaurante e lavanderia. O espaço possui uma dinâmica singular devido à multiplicidade de seus usos.

Em um dos cantos do salão, um biombo verde-amarelo-vermelho separa o salão de um espaço de orações do Islã: um tapete de orações no chão, sem nenhum tipo de símbolo além de um adesivo com os dizeres “I (love) Allah”. O Mali é um país de ampla maioria muçulmana, apesar de não ter o Islã como religião oficial.

Uma cortina separa o salão da cozinha. Ao adentrar no espaço úmido e escuro, conheço a única mulher presente, muito tímida apenas me cumprimentou em português. Preparava sozinha todos os pratos.¹¹ Ao lado da cozinha há duas máquinas de lavar novas. Funciona no local o serviço de lavagem de roupas por R\$1 cada peça lavada. O pequeno “quintal” serve de depósito dos restos da cozinha, varal de roupas, além de dar acesso a um banheiro com chuveiro (os banhos também são cobrados).

No fundo do salão, o cardápio em banner mostra o que é servido: arroz *fat* (arroz com molho de tomate, mandioca carne e repolho), sopa de galinha, arroz com molho de amendoim, *aloco* (carne com banana frita) e salada. No fim do banner eram anunciados refrigerantes, com uma frase: “Bom apetite / *Bonne à petit*”. Também nos fundos, há um mural de bandeiras que denuncia a diversidade de nacionalidades que estão ou já estiveram presentes no local: Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné-Bissau, Mali, Nigéria, República Democrática do Congo, Togo. As paredes também continham fotos de personalidades afri-

canas como Patrice Lumumba (líder anticolonial, Congo Belga, 1925 - 1961), Thomas Sankara (militar, primeiro presidente de Burkina Faso, 1949 - 1987), Nelson Mandela (líder político, primeiro presidente democraticamente eleito, África do Sul 1919 - 2013), Amadou Hampâté Bâ (escritor e etnólogo, Mali, 1901 - 1991) e Muammar al-Gaddafi (Militar e líder político, Líbia, 1942 -2011).¹²

As paredes também exibem as regras do local, escritas inteiramente em francês: “*Interdit de vendre drogues ou autre chose interdite mauvaise... le ou les suspects seront directement déclarés á la police sans pitié*” (Proibida a venda de drogas ou outra coisa ruim...o(s) suspeito(s) serão diretamente declarados à polícia sem misericórdia); “*mès chers amis cet endroit est pour nous tous sans distinction de nationalité ni race ou ethnies...*” (Meus queridos amigos, este lugar é para todos nós, sem distinção de nacionalidade, raça ou etnia...); “*cedez la place au gens qui veulent manger*” (ceda o lugar para os outros que irão comer).

No fundo do restaurante um banner com uma foto grande de Adama Konate diz a todos: “*Espace des africains Merci ma mère. Nous sommes tous égaux dans la justice et solidarité, sans difference. Soyez le bienvenus à la cabine internationale Merci ma mère*».

O pedaço africano criado por Adama é lugar de alteridades, do reconhecimento enquanto iguais, é lugar do respeito e do contato. Enquanto pedaço, o restaurante é ponto chave em uma peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas, é lugar dos colegas, dos chegados (MAGNANI, 2012).

A análise proposta por Sayad sobre a jornada da imigração se mostra muito representativa, na medida em que os imigrantes, ao buscarem nas sociedades de imigração um local para a reconstrução de suas vidas, tendo o trabalho como eixo estruturador [desta busca], necessitam também de um lugar *estável*, onde possam desenvolver laços com seus pares, bem como com a comunidade ao redor, fortalecendo uma rede de sociabilidade. Formada por conhecidos, vizinhos, amigos e parentes, as redes de sociabilidade desenvolvidas pelos imigrantes se mostram fundamentais o desenvolvimento da comunidade, pois elas são também redes de auxílio.

Como vimos na trajetória do proprietário, a preexistência de uma rede de sociabilidade surgida a partir de um uso comum (das lan-houses na Galeria Presidente), permitiu que ele fosse reconhecido entre seus pares e posteriormente conhe-

cido como ponto chave na sua própria rede de sociabilidade, que se reúne em torno da existência do restaurante. Os laços com a comunidade próxima, também permitiram alguma facilidade no processo de fixação (ao conseguir um fiador brasileiro) e inserção (não há conflitos com os vizinhos do local). O funcionamento do local também é baseado nos laços estabelecidos entre os imigrantes, pois além da atmosfera pacífica, sem conflitos, todos conhecem e respeitam as regras do local, “este é um local para todos”. Para além do discurso do restaurante, há de fato a criação de um local em que a regra é o respeito mútuo.

A coexistência no local de imigrantes de diversas nacionalidades, idades e religiões diferentes são permitidas primeiramente, porque todos que ali estão se reconhecem em torno de uma categoria comum, no restaurante “todos são africanos”, discurso que atenua as possíveis diferenças nacionais e reforça a ideia de que todos são “iguais”. Podemos observar tanto na trajetória do proprietário, quanto na análise do restaurante, que essas redes são também percebidas como essenciais para que o processo da imigração se torne menos traumático. Portanto, a existência do local é permitida e baseada na coexistência, o que torna o local um lugar de referência para àqueles que chegam na cidade e buscam alguma estabilidade que os possibilita a busca por emprego, e por consequência a inserção na sociedade.

Por reunir muitos imigrantes em situação de fragilidade e recém-chegados, o restaurante atua para além de um lugar de reconhecimento, como um lugar em que o desafio da inserção é o que dá significado à sua existência, que o liga diretamente com a necessidade desses grupos étnicos de estabelecerem redes de auxílio, que os projetam para um contato com a sociedade. A cidade, lugar de espacialização destes desafios, é também constantemente reconfigurada e ressignificada diante desta pluralidade de experiências proporcionadas pela presença de estrangeiros. Através do mapa das sociabilidades, que nos mostra os diferentes espaços de uso e apropriação, podemos perceber a abrangência e importância das presenças estrangeiras na constituição de diferentes espaços.

Na pesquisa completa, pudemos desenvolver análises que tangem diversos aspectos da dinâmica da inserção do imigrante africano na sociedade, que é inescapável a todos os imigrantes que analisamos. O *Merci ma mère* representou dentro da análise, o local em que nos apresentava a importância da existência de uma rede de sociabilidade e auxílio para a inserção desta população no

mercado de trabalho, além de representar (para nós e para eles) o esforço de uma comunidade que ainda enfrenta muita resistência ao seu reconhecimento e inserção plena na sociedade que os recebeu, e na cidade que problemáticamente ainda reivindica para si a nomeação de “cosmopolita”.

Referências bibliográficas

- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de Globalização. *Mana*, v.7, n.2, p7-33, out. 2001.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998. p. 187-227.
- BAUMAN, Z. Viver com estrangeiros. In: *Confiança e medo na cidade*. Zahar: Rio de Janeiro, 2009.
- FAUSTO, B. *Negócios e ócios: histórias da imigração em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FRÚGOLI JR. H. *Centralidade em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOODY, J. *Cooking, cuisine, and class: a study in comparative sociology*. New York: Cambridge University Press, 1982.
- GOODY, J. *Identité culturelle et cuisine internationale*. Paris: Autrement, 1989.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org). *História da Cidade de São Paulo*. A cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBSBAWM, E.J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- JACOBS, J. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- LANNA, A. PEIXOTO, F.; LIRA, J. e SAMPAIO, M. R.(org). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo, Alameda, 2011.
- LEPETIT, B. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp, 2001.
- LESSER, J. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- LEWIS, O. *Antropología de la pobreza: cinco familias*. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1961.
- MAGNANI, J. G. C. *De perto e de dentro: notas para*

uma antropologia urbana. *Revista brasileira de ciências sociais*, v.17, n.49, junho 2002.

_____. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro nome, 2011.

_____. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MAGNANI, J. G. C. ; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na Metrópole - textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.

MICELI, S. *Nacional Estrangeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MONGIN, O. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MONTELEONE, J. *Sabores urbanos: alimentação, sociabilidade e consumo (São Paulo, 1828-1910)*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

PAIVA, O. da C (org.). *Migrações Internacionais. Desafios para o século XXI*. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

ROLNIK, R. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro. In: SANTOS, R. E. *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais - o negro na geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, C.J.F. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo, Annablume, 2008.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Edusp: São Paulo, 1998.

SIMMEL, G. O estrangeiro In: MORAES F., E. de (org). *George Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

TRUZZI, O. M. S. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: Fausto, B. (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 315-51.

Notas

1. Aluno de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e bolsista PIBIC-CNPq para o desenvolvimento da pesquisa “Os estrangeiros em São Paulo; seus territórios de contato e relações com outro: a cultura gastronômica”.

2. O proprietário, Adama Konate, autorizou a realização da pesquisa, bem como a publicação de trabalhos aca-

dêmicos que mencionem seu nome e o lugar que ele constitui. Para além do contexto atual de recrudescimento das políticas migratórias, bem como a rejeição à determinados setores imigrantes na sociedade paulistana, Adama mantém-se como pessoa pública, e como veremos, é partir desta existência “pública” que ele consegue constituir seu espaço e suas relações.

3. Os bairros estrangeiros não se constituem em guetos e nem mesmo em local de moradia permanente para as sucessivas gerações de imigrantes. Ao contrário uma de suas características é a permanente sucessão de grupos estrangeiros. Ou seja, o que os caracteriza como bairro de imigrantes não é a permanência exclusiva ou majoritária de um grupo étnico, mas a presença constante de grupos e marcas estrangeiros.

4. José Guilherme Cantor Magnani é professor titular em Antropologia Social na Universidade de São Paulo e coordenador do NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da USP, da revista eletrônica Ponto Urbe.

5. Magnani coloca uma ressalva: “No entanto, não se trata de uma polarização entre um olhar de perto e de dentro, contraposto ao de longe e de fora. Na verdade, é necessário calibrar o foco de acordo com o plano de análise. Se, num primeiro momento, o “olhar de perto e de dentro” busca a lógica que orienta a prática dos atores sociais, é possível segui-los em suas redes, e para tanto é preciso flexibilizar o olhar, de forma a variar os ângulos e escalas de observação. É somente por referência a planos e modelos mais amplos que se pode transcender, incorporando o domínio em que se movem os atores sociais” (MAGNANI, 2012, p.278)

6. Ver a esse respeito a notícia “Um em cada três imigrantes está em situação irregular na cidade de São Paulo” – Matéria publicada em 23/01/2014 no portal de notícias UOL, elaborada com dados da Polícia Federal e da Secretaria Municipal de Direitos Humanos de São Paulo. É importante esclarecer que a Polícia Federal não disponibiliza publicamente os dados acerca do número de imigrantes na cidade (e no país). Os dados públicos sobre o tema são do IBGE, do CENSO 2010, que foi desconsiderado, dada a distância temporal, que poderia implicar em distorções na pesquisa. Disponível em: <<http://goo.gl/KCxeVS>>. Acessado em 08/2016.

7. Ver a esse respeito a notícia “Imigrantes africanos tomam ruas de SP e revelam diversidade de estilos” – Publicada na Folha Ilustrada em 21/02/2016. Disponível em: <<http://goo.gl/s0bkW4>>. Acessado em 08/2016.

8. De acordo com a Convenção de Genebra (1951), toda pessoa que está fora de seu país devido a um medo fundado de perseguição por razões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política definida anteriormente, é considerada refugiada. Porém, ao ponto que em ambas as categorias, de imigrante e refugiado, ocorre uma ruptura

entre o indivíduo e seu Estado de origem, e em ambas, as experiências e estratégias de adaptação são próximas e relacionáveis. Por estas razões opto por colocar o imigrante africano na mesma categoria do refugiado africano.

9. Os imigrantes não estão incluídos nos mesmos números dos refugiados, porque o processo de solicitação de refúgio é de responsabilidade do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) e do Ministério da Justiça. Os imigrantes legais, aqueles que apenas necessitam de visto, são de responsabilidade da Polícia Federal. Por esta razão, os números apresentados provêm de fontes distintas e também não são apresentados nas mesmas pesquisas. O ACNUR é a agência da ONU responsável por conduzi e coordenar ações de proteção dos refugiados. Pesquisa “Refúgio no Brasil 2010 -2014” completa e disponível em: <<http://goo.gl/TemKwM>>. Acessado em 08/2016

10. Há também no *Facebook*, diversos grupos de imigrantes (africanos ou não) dos quais faço parte. Eles reúnem imigrantes, pesquisadores e representantes de ONGs. Nestes grupos (Haitianos e Africanos imigrantes no Brasil - 4.500 membros, Brasil País de Imigração - 5.300 membros, entre outros) são compartilhados eventos, palestras, oportunidades de emprego, comemorações, entre outros, constituindo um universo de informação e conteúdo relevante para imigrantes e outras pessoas interessadas nestes assuntos. Foi em um destes grupos que encontrei o restaurante, através da divulgação realizada.

11. A existência de uma única mulher no local (e sua ocupação), demonstra que o local de fato é masculino e claramente heterossexual. Como vimos, a pesquisas demonstram que a maioria dos imigrantes é homem, as mulheres que aqui chegam enfrentam desafios inerentes à sua condição feminina, dentro de sociedades masculinizadas (a nossa e a “deles”). Porém, a questão de gênero não é um problema enfrentado pela pesquisa, esforço que demandaria leituras e aproximações diferentes das escolhidas para tratar do campo da imigração.

12. Me chamou a atenção as fotos de personalidades diametralmente diferentes, lado a lado (Nelson Mandela e Muammar al-Gaddafi). Questiono-me sobre quais aspectos do imaginário dessas pessoas esses símbolos operam, se eles têm o mesmo significado para os nativos deste ou aquele país, ou quais noções de poder, ou empoderamento do povo africano eles representam, etc.